

No Setembro Dourado, mês de sensibilização para o cancro infantil, a Make-A-Wish reforça a importância de dar esperança a crianças e jovens que vivem afastados da rotina escolar.

MAKE-A-WISH VAI À ESCOLA

■ O Programa Make-A-Wish Vai À Escola convida as escolas a envolverem-se na missão da Fundação e a apoiar a realização dos desejos de crianças e jovens com doenças graves.
Ao longo do ano lectivo, alunos, professores e famílias podem participar em diferentes iniciativas promovidas pelo programa.
Na Madeira, a professora e voluntária Sónia Bastos tem dinamizado este envolvimento junto da comunidade escolar, procurando também sensibilizar os alunos para a importância do voluntariado e da participação cívica. Este ano, tem entre os seus alunos dois antigos Wish Kids.
Pelo menos 22 escolas e entidades de ensino diferentes da Madeira já participaram no Programa Vai à Escola.
As inscrições para a Actividade de Natal já estão abertas, estando a sua dinamização prevista para Novembro, através do site www.makeawishvaiaescola.pt.

sejo que acompanhou: uma adolescente, a quem chamaremos Matilde, que queria um computador para fazer os trabalhos da escola.

Na altura, eram três voluntários, o que tornou a logística mais difícil e acabou por prolongar o processo. Mas houve desde cedo uma disponibilidade particular da família. "Os pais receberam-nos nas suas casas", recorda Sónia. E não foi apenas uma questão de abrir a porta. "Eles estão mesmo ali, com o coração aberto (...) porque têm muita vontade de realizar os desejos aos filhos", vinca a docente.

Sónia, que também é mãe, confessa que a sensação com que fica é de que as famílias "respiram-nos, no sentido de que parece que chegou ali alguém que os vai salvar de alguma forma".

Mais do que oferecer um presente, a Make-A-Wish procura criar momentos memoráveis. No caso da Matilde, Sónia descreve "toda uma preparação": "enfeitámos com balões, depois arranjámos-lhe um bolinho com a carinha dela e ao gosto dela. E, depois, oferecemos [o computador]. Foi um momento muito giro e os pais, pronto, ficaram eternamente gratos e muito felizes".

A proximidade criada durante aquele processo não terminou quando o desejo foi realizado. A família continua a reconhecer Sónia quando a encontra na rua e, por vezes, a enviar mensagens em momentos como o Natal. "Quando lá vou sou recebida quase com balões", testemunha.

Estrelas cadentes

Mas isto de realizar desejos tem tanto de mágico quanto de efémero.

Sónia já acompanhou também crianças cujo tempo era mais curto do que aquele que a própria organização desejaria. Uma delas, também de 17 anos, precisava de um computador para o curso de desenho e o caso foi assinalado como urgente. A equipa sabia que era preciso acelerar o processo, embora essa urgência não fosse transmitida à família.

Depois de várias ligações e de uma preparação feita contra o relógio, o desejo foi concretizado. A jovem quis também viver uma experiência ligada ao brunch e, mesmo já debilitada, teve esse momento com o pai. Um mês depois, Sónia soube da sua morte pelas redes sociais.

"Sou sincera, custou-me imenso", admite. Nestes casos – e sempre que sentem necessidade –, a organização garante também apoio psicológico aos voluntários.

É uma espécie de aprendizagem para quem está do outro lado dos desejos: saber envolver-se sem deixar de avançar.

Para Sónia, que reconhece envolver-se muito nas vidas que acompanha, significou aprender a fazer uma triagem do que é essencial e encontrar forma de continuar: "Pronto. Realizou, está realizado, graças a Deus. Vem o próximo. Fechou (...). Agora já consigo", diz-nos.

E, apesar das histórias difíceis, há um momento que continua a justificar tudo: "No dia do desejo, é uma alegria imensa".

O nosso foco não é a doença. É levar momentos de leveza e de alegria

Para a voluntária, o sorriso das crianças, a reacção dos pais e a sensação de missão cumprida compensam o que fica para trás. "É muito gratificante. É mesmo. É um coração cheio", reforça, sem esconder a comoção na voz.

O impacto de um desejo não se mede apenas pelo momento vivido pela criança. Por vezes, pode significar, para uma família, uma rara oportunidade para respirar.

Há experiências que implicam viagens, espaços, equipamentos, refeições, alojamento ou simplesmente alguém disposto a abrir uma porta. É aí que entram os parceiros. Na Madeira, uma dessas relações de longa data é com o Grupo PortoBay, que, a par do Pingo Doce/Jerónimo Martins, apoia actualmente a Make-A-Wish na Região.

Helena Oliveira, da área de Marketing, Parcerias e Responsabilidade Social do Grupo PortoBay, conhece bem esse outro lado da missão. A ligação à Make-A-Wish começou através do Programa HOPE, de sustentabilidade social e cultural do grupo, com a oferta de quartos e refeições. Desde então, a parceria tem permitido apoiar vários desejos, directa ou indirectamente.

Um dos casos que mais a marcou envolveu um menino com necessidades de cuidados permanentes. Sem conseguir comunicar, foi através da família que a equipa percebeu aquilo de que mais precisava: sair, por uns dias, do contexto de casa e do quarto. A ideia inicial de uma ida ao Porto Santo acabou por dar lugar a uma estadia de dois dias e uma noite no PortoBay.

A família nunca tinha ido a um hotel, a uma piscina ou sequer a uma praia. "Foi mesmo uma lufada de ar fresco para os pais", relembra Helena.

Mas o desabafo que mais a tocou veio de forma inesperada: "A avó, no fim, veio-me dar um abraço e disse que tinha dormido muito bem, que tinha sido uma noite em que ela tinha realmente descansado. Tinha desligado".

É também nestes momentos que Helena encontra o sentido da participação do Grupo PortoBay. Porque, frisa, "por trás de um profissional está sempre uma pessoa". E isso implica não ficar indiferente àquilo que acontece do outro lado: "É preciso acordarmos para pensar nos outros. Nada como nos pormos nos lugares dos outros para perceber as dificuldades que as pessoas têm todos os dias".

No caso daquela família, essa capacidade de se colocar no lugar do outro traduziu-se em coisas muito concretas: conforto, comodidade, a possibilidade de não pensar por algumas horas nos cuidados e nas limitações impostas pela doença. "Aquela alegria de perceber que realmente nós fizemos a diferença no descanso. Aquela comodidade, o conforto, o não se preocupar, o desligar", evidencia.

Para a representante do Grupo PortoBay é isso que faz com que seja possível "tornar o dia de alguém melhor... e o nosso também", remata.

Não poderíamos terminar sem revelar como foi o "dia cor-de-rosa" da pequena Clara. Com muita arte e engenho, staff, parceiros e voluntários descobriram que a menina gostava de gelados e de fadas e foi a partir daí que o conceito ganhou forma: um passeio de limousine cor-de-rosa, uma visita à fábrica da Santini, com gelado de morango à mistura e uma passagem pelo 'Lugar das Fadas' (um espaço de festas infantis, em Lisboa), onde Clara pôde escolher e desfilar com uma roupa de fada, com purpurinas e asas... cor-de-rosa, claro está.

No final das contas, é pela mão humana que a magia prevalece. Por detrás de cada desejo pedido a uma estrela, há uma constelação de pessoas que preparou cada detalhe que lhe deu significado.